

poéticas políticas

Epistemologias da terra: articulações interseccionais pelo bem viver

Epistemologías de la tierra: articulaciones interseccionales para el buen vivir

Epistemologies of the earth: intersectional articulations for good living

Letícia Reis¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: reiseovento@gmail.com.

Submetido em 30/01/2024
Aceito em 30/01/2024

Como este trabalho

REIS, Letícia. Epistemologias da terra: articulações interseccionais pelo bem viver. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 823-829, jan./jun. 2024.

insurgência

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais | v. 10 | n. 1 | jan./jun. 2024 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.
Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

Epistemologias da terra: articulações interseccionais pelo bem viver

“E a gente combinamos de lutar.” Nas interpelações de saberes afro-indígenas, Cacique Nailton Pataxó-hã-hã-hãe tece comentários sobre suas estratégias de retomada e me reacende instintivamente às palavras de Dona Conceição Evaristo (2016) em *Olhos d’água*. Em uma voz uníssona sob o pipocar dos tiros, o juramento dos meninos no poema se repete na Terra Indígena Catarina Caramuru Paraguassu: a gente combinamos de não morrer! Naquele 21 de janeiro, perdemos Maria de Fátima Muniz, a Pajé Nega Pataxó, pelas mãos da violência colonial. Morreu com o maracá nas mãos, encantou como guerreira (Mestra..., 2024).

A morte incendiou a vida, como se estopa fosse, lembra a voz de Conceição. Escancarou, mais uma vez, o genocídio negro-indígena em curso nesse país. Para além de nossos corpos, o desejo era aniquilar toda conexão epistemológica que nos mostra que vale a pena viver. Vale a pena lutar para seguir vivendo com os pés descalços que, ao tocar o chão, rememoram a terra que conta a história de nossas famílias.

No domingo vinte e um, as primeiras pessoas que chegaram no Território Pataxó foram lideranças do Assentamento Terra Vista. Há 31 anos, Joelson e Solange ocuparam as lavouras de cacau tomadas pela vassoura de bruxa em Arataca, Sul da Bahia, para reescreverem uma história na luta pela terra com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil. Pelo plantio de árvores nativas, a recuperação de matas ciliares, o cultivo de produtos orgânicos e a preservação da mata atlântica, a soberania alimentar era conquistada garantindo a autonomia dos povos, a educação popular e a reafirmação da floresta (Oliveira, 2022).

Nessa primeira fotografia, usando um boné roxo da Teia dos Povos, uma camisa verde sobre agroecologia com os dizeres “Mondeggi Bene Comune / Fattoria Senza Padroni” e com uma lagoa translúcida ao fundo, está Mestra Solange Brito. Na ocasião de nosso encontro, eu estava compondo a equipe audiovisual dos Saberes Tradicionais da UFMG gravando seu *Retrato* — uma conversa em forma de documentário em que mestras de conhecimentos tradicionais compartilham saberes educacionais que salvaguardam as memórias de suas comunidades. Solange está no quintal de sua casa e enquanto conversávamos sobre o papel das mulheres na luta pela terra, na educação popular, no cuidado de sementes nativas, na espiritualidade contracolonial e nas conexões que compõem a transição agroecológica, os peixes passavam por trás, nadando plenamente nas águas limpas da lagoa que contorna o caminho para a Terra do Bem-Virá.



MONDEGGI · BENE · COMUNE



LAVORO · SENZA · PADRONI



Homônimo do filme de Alexandre Rampazzo, o projeto de plantio de árvores para daqui a 3 mil anos nasce de um sonho de reflorestar o futuro. É este o cenário da segunda fotografia. A Capitã Pedrina da guarda de Terno de Massambike de Nossa Senhora das Mercês de Oliveira (MG) se emociona com os cânticos da terra enquanto um grupo composto por Mestres da comunidade, Doutores em Notório Saber da UFMG, estudantes de graduação, pós-graduação e professores da instituição, militantes da Teia dos Povos Bahia e Minas se reúnem em roda para o plantio de novas espécies no Bem-Virá. Pelos sons e palmas, muitos pontos e cantigas de candomblé eram entoadas sobre as matas. Vestida de indumentária religiosa, com ojá na cabeça e fio de conta no pescoço, Mestra Pedrina além de Capitã de Rosário é também candomblecista e tem um *Retrato* gravado em sua Casa de Candomblé Angola-Muxikongo em Juatuba (MG) (Pedrina..., 2018). Pela confluência de saberes, percebemos as múltiplas manifestações populares que compõem singularidades dos sujeitos. Há dinâmicas de trocas culturais entre povos que evidenciam as articulações possíveis e fortalecem vínculos políticos na reivindicação das lutas. Os olhares que a fotografia capta evidenciam a emoção de conhecer os segredos da terra e se encantar com as energias que protegem as matas — em forma de caboclo, de nkisi, de encantado, de orisà. A luta pela terra é uma só.

Construir um horizonte em que a vida impera, que a natureza é respeitada, que as proposições surgem das vivências cotidianas — produzidas e partilhadas a partir de suas coletividades — por onde a ação política encontra terra fértil na direção de uma sociedade multiétnica e pluricultural, é um projeto político de mulheres negras: o bem viver. Visível também no momento em que as histórias dessas fotografias foram contadas, em formações políticas e educacionais nas articulações entre MST/Teia dos Povos, majoritariamente liderada por pessoas negras, e as comunidades indígenas Pataxó-hã-hã-hãe e Tupinambá da Serra do Padeiro, coordenadas pelos Saberes Tradicionais da UFMG em outubro de 2023.

Por fim, Mestra Mayá (Andrade, 2021), irmã de Cacique Nailton e de Pajé Nega, nos ensina sobre ouvir os encantados e fabular uma escola de retomadas, traçando caminhos possíveis e conscientes rumo à ruptura completa de todas as permanências opressivas ao reivindicar nossas raízes. Nós, enquanto mulheres, quilombolas, de religiões de matriz africana, das comunidades tradicionais, das lutas pela terra, dos movimentos sociais de base, de periferias, da preservação das florestas, das perspectivas LGBTTQIAPN+, de povos indígenas, de organizações de pessoas com deficiência e das articulações de juventude queremos comunidades que sonhem e que se permita sonhar, porque nossa transformação só acontece quando é gestada em futuros coletivos.

Referências

ANDRADE, Maria Muniz de [Mayá]. *A escola da reconquista*. Arataca (BA): Teia dos Povos, 2021

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

MESTRA Nega Pataxó está viva em nós e lutou com o maracá nas mãos. Justiça para o povo Pataxó-hã-hã-hãe. *Teia dos Povos*, 22 jan. 2024. Disponível em: <<https://teiadospovos.org/mestra-nega-pataxo-esta-viva-em-nos-e-lutou-com-o-maraca-nas-maos-justica-para-o-povo-pataxo-ha-ha-hae/>>. Acesso em 29 jan. 2024.

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. *As lutas existem pela nossa terra*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022

PEDRINA de Lourdes Santos. *Saberes Tradicionais*, 20 mar. 2018. Disponível em: <https://www.saberestradicionais.org/pedrina-de-lourdes-santos/>. Acesso em 29 jan. 2024.

Sobre a autora

Letícia Reis

Mestranda em História da África na Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora em *Gestão de Acervos Fotográficos: Acessibilidade e Ações Afirmativas* da Terceira Edição da Bolsa Funarte de Estímulo à Conservação Fotográfica Solange Zúñiga. Há sete anos escreve histórias fotográficas por olhares interseccionais sobre mulheres negras. Atua com patrimônio cultural em busca de perspectivas emancipatórias para comunidades tradicionais. É candomblecista, sapatão e feminista negra.